

## LITERATURA BRASILEIRA — A QUESTÃO DA PATERNIDADE

Fábio Figueiredo Camargo

No final do século XX, três escritores brasileiros de locais distintos escreveram romances que tinham como tema central a mesma questão. O assunto era a busca pelo pai empreendida pelos três narradores dos romances *Por parte de pai* de Bartolomeu Campos Queirós, *Quase memória* de Carlos Heitor Cony e *A céu aberto* de João Gilberto Noll.

A busca de um pai nas escritas de Bartolomeu Campos Queirós e João Gilberto Noll é uma constante, em Carlos Heitor Cony, ela acontece, mas não com tanta frequência. Esse tema seria algo insignificante se outros autores brasileiros não fizessem uso dele em vários textos de forte presença na Literatura Brasileira. Desde Machado de Assis, passando por Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Lúcio Cardoso, Autran Dourado, Carlos Sussekind, Raduan Nassar e chegando a um escritor contemporâneo como Marçal Aquino que escreve, em 2001, contos sobre filhos à procura de seus pais. Além destes há outros escritores que escreveram sobre personagens que não conseguem esquecer de pais que se fazem presentes pela ausência ou presença em excesso.

O tema é recorrente na Literatura Brasileira e pode estar vinculado a uma questão desses sujeitos, através do velho complexo de Édipo levantado por Freud. Mas quero provocar uma polêmica; talvez o fato dessa recorrência funcionasse como uma metáfora para a questão da busca de identidade enquanto literatura pós-colonial.

Como a Literatura Brasileira possui em sua origem algo que não lhe serve obrigatoriamente de marco e como a questão da origem é sempre polêmica, é lícito afirmar que a origem dessa literatura está sempre sendo desviada, mais ou menos, a partir do momento em que se torna conveniente a alguns grupos. Antônio Candido desloca-a para os arcades e para o século

XVIII ao pensar a literatura como sistema; Haroldo de Campos e Afonso Ávila a deslocam para Gregório de Matos, no século XVII; Silviano Santiago a coloca em um “entrelugar”; Roberto Schwarz desloca, senão a origem, a consciência de uma Literatura Brasileira que pensa por si própria em textos da “segunda fase” de Machado de Assis no século XIX.

A metáfora da paternidade serve de base para pensar como os escritores brasileiros estão sempre em busca de uma autoridade em sua raiz para que seja estabelecida a sua fundação, não obrigatoriamente a fundação da Literatura Brasileira, mas a inscrição desta como algo que possui uma identidade. Como a autoridade é difícil de ser encontrada em um único lugar, a Literatura Brasileira passa a ser apenas “mais um braço da Literatura Portuguesa” ou como vai dizer Lezama Lima, estendendo essa questão para o continente americano, há um complexo no qual se acredita “que a sua expressão (do americano) não é uma forma alcançada, mas problematismo, coisa a resolver.” (LIMA: 1988, 62)

Como Literatura pós-colonial não restaria à Brasileira senão inventar-se a si mesma, tecendo relações com suas irmãs e madrastas estrangeiras. Caberia, portanto, ao escritor brasileiro recriar o mito da origem — e este está diretamente ligado à figura paterna — ao deslocar este para locais mais desusados como faz Noll em seus textos e assim reinventar a sua própria tradição.

A recorrência do pai ausente serve como ponto de partida para o deslocamento daquilo que não se pode conhecer, como os pais em Machado de Assis que se negam a reconhecer seus filhos como é o caso de Bento Santiago em *Dom Casmurro* ou simplesmente se negam a ter filhos como Brás Cubas que afirma: “não tive filhos, não transmiti a ninguém o legado da nossa miséria” (ASSIS: 1971, 179); os pais distantes nas narrativas de Bartolomeu Campos Queirós; o pai que se nega a ser pai e a se encontrar com o filho em A terceira margem do rio de Guimarães Rosa; o pai doente em *Dias perdidos* de Lúcio Cardoso; o pai morto em Marçal Aquino. A busca

do pai passa a ser então uma forma de reinventar a origem e também uma forma de validação da escrita desses autores. A forma que encontraram para fazer literatura está diretamente ligada à escrita de algo sempre perdido na memória e que se vai buscar através da reinvenção da escrita, pois é esta que lhes interessa. Segundo Jacques Rancière

A literatura talvez não tenha por princípio nem o testemunho do sentido encarnado nos corpos nem a palavra soberana que compõe as intrigas, mas a suspensão de uma palavra que tem na Encarnação tornada advento ou no Livro realizado o limite diante do qual ela sempre tem que se esquivar. (RANCIÈRE, 1995, 53)

Como a literatura não é a experiência dos corpos mas uma espécie de mediação entre o sujeito e o mundo, na qual há a utilização de alguns esquemas do coletivo, pois como afirma Rancière

(...) a escrita é aquilo que, ao separar o enunciado da voz que o enuncia legitimamente e o leva a destino legítimo, vem embaralhar qualquer relação ordenada do **fazer**, do **ver** e do **dizer**.

(...) é, indissolivelmente, duas coisas em uma: é o regime errante da letra orfã cuja legitimidade nenhum pai garante, mas é também a própria textura da lei, a inscrição imutável do que a comunidade tem em comum. (RANCIÈRE: 1995, 9)

há, portanto, na Literatura do Brasil um interesse muito grande, mesmo que seja inconsciente, em discutir essa questão identitária através da ficção e de uma ficção calcada na busca dos filhos por seus pais ausentes. Em uma sociedade patriarcal como a sociedade ocidental, a luta entre pais e filhos é uma forma primitiva de fazer com que a vida continue e floresçam novas gerações. Ao

colocar em movimento filhos que procuram por seus pais e nunca conseguem encontrá-los totalmente, mas que, através da escrita, conseguem recriar este outro que nunca é o pai ausente, mas sempre sua representação, é importante ressaltar que o que está em jogo não é a figura paterna em si, mas como essa metáfora colabora para a identidade dessa escrita que se faz através de um processo de criação que é o que ela realmente é.

Os personagens desses textos, em sua maioria, são escritores ou estão envolvidos com alguma espécie de relato como Bento Santiago e Brás Cubas escrevem suas memórias; o menino personagem quase sempre sem nome nos textos de Bartolomeu Campos Queirós tem uma ligação muito forte com a escrita, pois conhece a escrita que o avô faz nas paredes e a recria em forma de livro em *Por parte de pai*.

Personagens escritores ou envolvidos com a escrita são metafóricos da busca da invenção de sua própria origem como sujeitos e mais precisamente como sujeitos de sua própria escrita inserida em um contexto histórico-cultural. Por outro lado, se os narradores querem se inscrever em suas páginas, os escritores querem criar para si uma identidade, que nunca cessa de se escrever e se renovar.

Nessa escrita, a corporificação da paternidade se faz através de determinados elementos que estão instaurados na tradição, portanto, escrever e criar personagens em busca de pais ausentes é metafórico da busca de um lugar na tradição.

Bartolomeu Campos Queirós e Carlos Heitor Cony ao recriarem seus pais encenam-se como personagens de si mesmos. Em suas representações os pais são sempre inalcançáveis só lhes sendo possível esse encontro através da memória sempre esfumaçada, borrada, que possui sua concretude na escrita apenas. João Gilberto Noll, em seu último texto parte da busca de um pai por sua própria identidade. *Canoas e Marolas* traz as mesmas questões de outros textos dele como *Hotel Atlântico*, por exemplo. As encenações desses pais são sempre carregadas de

sombras como em Machado de Assis e os olhos que assombravam Bento Santiago quando ele era pequeno ao se lembrar, já adulto, do retrato do pai. Como em *A terceira margem do rio* no qual o pai se desfaz toda vez que o personagem-narrador tenta chegar perto dele.

Essas metáforas das imagens fantasmagóricas de pais ausentes, mas presentes na vida de seus filhos são uma ponte entre o produtor, pai de sua criação e aqueles outros pais legados a ele pelas narrativas ocidentais. Os pais criadores, as pátrias e nações literárias herdadas da França, de Portugal, da Inglaterra, dos mitos bíblicos, da mitologia grega colaboram para que essa identidade pós-colonial não seja considerada acabada, inteira, ela é sempre mediada por outras culturas, portanto não resolvida, sempre problemática. A figura paterna tem para os escritores brasileiros uma importância fundamental, pois estes não conseguem, em diversas etapas de nossa história literária criar sem a fantasmagoria dessa encenação mil vezes repetida e desesperadamente alterada. Para que se escrevam as histórias dos filhos o pai deve ser resgatado diversas vezes, mesmo que seja de forma esfumaçada, borrada, transformada. Voltando a Lezama Lima, os conflitos com a paternidade são uma forma de problematizar a expressão brasileira.

Escrever sobre o pai ausente seria a perpetuação dessas memórias extraviadas e só religadas através do pai. A origem, portanto, é mil vezes montada, reorganizada, alterada, transformada.

As relações desses autores com a tradição que legou a eles uma certa autoridade está e pode ser confirmada na busca dessa paternidade ausente que ao mesmo tempo em que é algo que não se encontra, também não os abandona. A idéia da origem e da paternidade está logicamente ligada a um esquema de busca da identidade e da separação do estado de heteronomia para um estado de estruturação independente. O mundo passa a ser conhecido não apenas pelo legado da autoridade, mas pela construção que o sujeito faz ao se apropriar dos objetos que o cercam,

criando algo só seu. Isso se dá na linguagem com a qual cada um desses autores trabalha como reconstrução daquilo que já está velho e precisa ser transformado.

Escrever histórias sobre filhos em busca de seus pais torna-se, portanto, a tentativa de inaugurar uma nova identidade que passa pelo pai, o lugar da origem, mas que o ultrapassa ao se consolidar como algo que possa ser considerado como contribuição do autor à tradição de uma cultura anterior à sua, mas que está para sempre ligada a este através da figura paterna. Encenar o pai é buscar, portanto, capturar a essência de algo que está para sempre perdido, mas sem a qual não se consegue viver. A escrita ainda continua a ser a única forma de tentar costurar uma identidade brasileira possível, mas que não se separa da sombra do outro, considerado sempre presente pela ausência, esquivo, castrador e por isso mesmo buscado sempre.

## Referências bibliográficas

AQUINO, Marçal. *O amor e outros objetos pontiagudos*. São Paulo: geração editorial, 1999.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

ÁVILA Afonso. *O lúdico e as projeções do mundo barroco*. São Paulo: Perspectiva, 1971.

CAMPOS, Haroldo de. *O seqüestro do barroco — O caso Gregório de Matos na Formação da Literatura Brasileira*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1980.

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981. 2v.

CONY, Carlos Heitor. *Quase memória*. 10ed. São Paulo: Cia. Das Letras, 1995.

LIMA, Lezama. *A expressão americana*. Trad. Irleamar Chiampi. São Paulo: Brasiliense, 1988.

MARTINS, Wilson. *A crítica literária no Brasil*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983. 2v.

NOLL, João Gilberto. *A céu aberto*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

\_\_\_\_\_. *Hotel Atlântico*. 2ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

\_\_\_\_\_. *Rastros do verão*. Porto Alegre: L&PM, 1986.

\_\_\_\_\_. *Canoas e marolas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.

\_\_\_\_\_. *O cego e a dançarina*. 2ed. Porto Alegre: L&PM, 1986.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos. *Indez*. 9ed. Belo Horizonte: Miguilim, 1999.

\_\_\_\_\_. *De não em não*. 2ed. Belo Horizonte, 1999.

\_\_\_\_\_. *Ciganos*. 12ed. Miguilim, 1999.

\_\_\_\_\_. *Por parte de pai*. Belo Horizonte: RHJ, 1995.

RANCIÈRE, Jacques. *Políticas da Escrita*. Trad. Raquel Ramallete. São Paulo: ed. 34, 1995.

SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades, 1992.